

A arte nietzschiana de saber terminar

Maria Cristina Franco Ferraz*

Resumo: O artigo explora o tema nietzschiano da arte de “saber encontrar o fim”, partindo da leitura do aforismo 281 de *Gaia ciência*. Ao salientar a perspectiva do filósofo alemão acerca de tal arte, remete “saber terminar” ao gesto autobiográfico produzido em *Ecce homo*, especialmente no que concerne ao desfecho bufo, ousado e paródico que Nietzsche tramou para sua obra, em suas implicações estéticas, filosóficas e existenciais. **Palavras-chaves:** Finitude; Tragédia e Paródia; *Ecce homo*.

The nietzschean art of finding an end

Abstract: The article explores the nietzschean approach concerning the art of “inventing an end” such as it is expressed in the aforism 281 of his book *The Joyful Wisdom* (“*La Gaya Scienza*”). The article highlights the German philosopher’s perspective on the art of finding an end, and articulates this theme with the autobiographical gesture produced in *Ecce homo*. Specially in what concerns the bold and parodical end for his work invented by Nietzsche. The esthetical, philosophical, and existential implications of this gesture are emphasized.

Key-words: Finitude; Tragedy and Parody; *Ecce homo*.

No aforismo 281 de *Gaia ciência*¹, Nietzsche salientou a importância de “saber encontrar o fim” (*Das Endezufindenwissen*). Esse aforismo pode ser de certo modo aproximado do estilo aforístico e de um tema caro ao jesuíta aragonês Baltasar Gracián. Sabe-se que Nietzsche conhecia o texto de Gracián intitulado *Oráculo Manual e Arte da Prudência* (obra mundana com conselhos sobre o viver) ao menos através das citações feitas por Schopenhauer, que aprendeu espanhol para traduzi-lo. Essa tradução permanece, aliás, uma referência em língua alemã. Eis o aforismo CCXI (211) de

* Professora Titular da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) e pesquisadora do CNPq. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: mcferraz@hotmail.com.

¹ Todas as referências a esta obra estarão remetidas à tradução de Paulo César de Souza, alterada por vezes por mim a fim de aproximar ainda mais o texto do original. Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 191; e NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke* (KSA, 15 vol.), volume 3. Berlim/Nova York: DTV/de Gruyter, 1988, p. 525. Ao longo do artigo, as referências às obras em alemão na edição crítica serão abreviadas como KSA, seguido do número do volume. Quando utilizar *ibidem*, colocarei a página da edição brasileira antecedendo à alemã.

Gracián: “Que nossa vida se vá empenhando como em comédia; ao fim, vem o desenlace: atenção, pois, para acabar bem”.²

Nesse texto, pode-se observar o tom de aconselhamento e prudência próprio ao Oráculo do jesuíta Gracián. Já o aforismo de Nietzsche, conforme veremos, convoca o gesto de avaliação, soando antes como um convite. Mesmo que o termo “comédia” remetesse, no século XVII, a peças de teatro em geral, somos tentados a fruir de certo anacronismo que aproximaria ainda mais a passagem de Gracián do pensamento de Nietzsche. Com efeito, ainda que o jesuíta Gracián não estivesse privilegiando a “comédia da existência” ressaltada por Nietzsche, a relação entre viver e teatralizar, entre vida e ficção, ecoa em ambos os autores. Retomemos agora o aforismo 281 de *Gaia ciência*:

Saber encontrar o fim – Os mestres de primeira ordem dão-se a conhecer pelo fato de, tanto nas coisas grandes como nas pequenas, saberem terminar de modo perfeito, seja uma melodia ou um pensamento, seja o quinto ato de uma tragédia ou uma ação política. Os melhores de segundo nível sempre se inquietam com a aproximação do fim e não descem, por exemplo, para o mar com a orgulhosa e tranquila cadência das montanhas junto a Porto fino – lá onde a baía de Gênova termina de cantar sua melodia.³

Nietzsche distingue os “mestres de primeira grandeza” a partir deste critério: seriam aqueles que, tanto em situações pequenas como nas grandes, sabem encontrar o fim com perfeição. Um final buscado, tramado, inventado. Não uma fatalidade previamente determinada, mas um desfecho curioso, intrigante. Pelas mãos que sacodem o jogo de dados do acaso, esse desenlace passa a se inscrever como a produção de um destino desejado como tal. Podemos também ler nessa chave um dos excessivos títulos de capítulo de *Ecce Homo*: “Por que sou um destino”⁴. Não se trata de destino como pré-determinação. Eis o que está em jogo: o que se inscreve e se escreve *efetua mundos*, cria sentidos, traça novas destinações. Conforme pensava Nietzsche, é o autor que é engendrado pela obra de que ele pensa ser o autor.

Esse “fim” de que fala o aforismo citado nada tem, portanto, de imposto, de inexorável ou de fatal. Diante dele, não cabe a máscara lúgubre da vítima que clama por piedade e consolo. O desfecho buscado, tramado de modo perfeito, resolve-se em uma

² GRACIAN, Baltasar. *A arte da prudência*. Prefácio e notas de Jean-Claude Masson. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 128. Tradução ligeiramente alterada por Ana Lucia de Oliveira, professora de Letras da UERJ e especialista no século XVII.

³ Cf. NIETZSCHE, F. *A gaia ciência* /KSA 3, p. 191 e p. 525.

⁴ NIETZSCHE, F. *Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 102 e *Ibidem*, Op. cit., KSA 6, 1986, p. 365.

declinação musical em direção ao largo, rumo ao mar. Nele, ressoam altivez e serenidade, certa linha de sobriedade. No texto, Nietzsche enumera a amplitude de campos em que “saber terminar” é prova de maestria de primeira ordem. Pode se tratar do fim de uma melodia, de um pensamento, do quinto ato de uma tragédia ou de uma ação política. O filósofo acrescenta que os “melhores” (no original, os “primeiros”, *die ersten*)⁵ de segunda grandeza se inquietam cada vez mais à medida que se aproxima o fim. A angústia diante do fim, em geral considerada pelo senso comum e em determinadas perspectivas filosóficas como inevitável, caracterizaria, segundo Nietzsche, mestres de segunda. Haveria nela algo de humano, demasiado humano. Essa angústia equivale a um *pathos* que caracteriza os que não possuem a força vital necessária para encarar o fim como uma ocasião especial para se tramar o mais perfeito golpe de mestre. A verdadeira maestria expressa-se na destemida arte de achar um fim, fluindo ativamente nessa direção, metamorfoseando os momentos finais em uma nova oportunidade para a criação de desfechos imprevisíveis, surpreendentes.

Nesse momento do texto, expressão da arte retórica como potente arma para superar angústia e inquietação ante o fim (e não para consolar), emerge uma imagem geográfica, uma ode por assim dizer geológica: a referência à impactante beleza das montanhas e do litoral de Porto fino, perto de Gênova. O aforismo conclui-se de modo performativo, fazendo ser aquilo que diz. Em seu desfecho, alcança uma rítmica, uma musicalidade visual, quase pictórica, de alta maestria: “descem, por exemplo, para o mar com a orgulhosa e tranquila cadência das montanhas junto a Porto fino – lá onde a baía de Gênova termina de cantar sua melodia”⁶. A tradução é bem realizada; o original alemão pauta-se por uma cadência rítmica dotada de uma força de encantamento e de persuasão ainda mais notável. O movimento de descida torna-se de fato melódico. A cadeia de montanhas deita-se no mar. Dissolve-se musicalmente, liquefazendo-se e espraçando-se. Dura rocha virando mar. Nessa cadência, não se expressa qualquer resignação perante o fim; produz-se, de modo ativo, um movimento em que a beleza plástica funde-se à musicalidade, enunciando uma serena e sóbria celebração da finitude aliada ao devir.

⁵ Ibidem.

⁶ Ibidem.

A leitura de *Ecce Homo* apresentada no livro *Nietzsche, o bufão dos deuses*⁷ ecoa, de certo modo, essa “arte de saber terminar”, mas certamente em uma chave sonora diversa, em outra cadência rítmica, fazendo jus ao tom geral do livro. No texto que estava sendo escrito às vésperas da crise de Turim, ouve-se a exasperação perante os mal-entendidos que cercavam a obra do filósofo, ante o silêncio que a sufocava. Expressam-se audácia e uma *hybris* temerária, atravessada por um riso salutar e pela bufoneria. O tom não é, portanto, suave, sóbrio e sereno como o do majestoso desfecho de *Porto fino*. É turbulento, arlequinal, estridente, explosivo como a dinamite a que Nietzsche se associava então. De todo modo, entretanto, o texto em que o filósofo conta sua vida para si mesmo, expressando uma gratidão outonal por seus 44 anos, põe efetivamente em marcha o quinto e último ato da tragédia. Este é um dos exemplos que, no aforismo de *Gaia ciência* citado, concerne à ousada “arte de encontrar o fim” apta a esquivar angústia e a inquietação que açodam os mestres de segundo nível.

A ousadia heroica na clave do excesso, da *hybris* trágica, já se fazia ouvir no prefácio à segunda edição de *Gaia ciência*, escrito no outono de 1886.⁸ Nesse texto, Nietzsche atribui sua necessidade de exercer a maldade e a malícia expressas na paródia à embriaguez da convalescença, remetendo-a ao excesso de potência produzido por um processo de cura, após um longo período de doença e privação. Em 1886, delineia o caminho que seu pensamento viria a tomar a partir de então, realizando a superação da “tragédia” das morais e das religiões pelo trágico dionisíaco. Estão em jogo dois tipos de encenação teatral em nada equivalentes, e que é preciso sempre avaliar. Aliás, caberia à educação desenvolver essa argúcia avaliativa, que também pode ser nietzscheanamente chamada de “gosto”.

O “trágico” entre aspas corresponde a uma encenação *canastrona*, pautada por valores e gestos grandiloquentes. É pela paródia que se perfaz a ultrapassagem desse teatrão de mau gosto em direção ao trágico sem aspas, encenado a contrapelo dos clichês e vivido, incorporado até suas últimas consequências. Um trágico que realiza aquilo que *promete*. Como em geral, em Nietzsche, a palavra empregada (*trágico*) é a mesma, mas as aspas e o uso do termo indicam uma apropriação e uma alteração de sentido radicais.

⁷ FERRAZ, Maria Cristina Franco. *Nietzsche o bufão dos deuses*. Segunda edição revista e acrescida de posfácio. São Paulo: n-1, 2017.

⁸ Cf. NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*, p. 9-15.

O trágico sem aspas não se pauta pela oposição moral-metafísica entre verdadeiro e falso, dicotomia que desviou o horizonte primeiro em que se forjou a nossa palavra “hipócrita”. Em Nietzsche, o *hypokrites* – ator em grego –⁹ abandona o teatrão da moral em que foi forçado a se inserir, após a desqualificação do mimético necessária à montagem do regime de oposições em que se sustenta a moral-metafísica. Na obra de Nietzsche, *hypokrites* reativa sua positividade performativa. O que se “mente”, o que se ficcionaliza, todo fim inventado tem efeito realizador, colocando em marcha um movimento de pensamento e de vida que passa a ter a valência de um “destino”. *Como se tornar aquilo que se é (Wiemanwird, wasmanist)*¹⁰, inscrito na abertura de *Ecce Homo*, frase reapropriada e alterada a partir de Píndaro, anuncia a afirmação do ser como efeito inexorável de um tornar-se que se efetua no dizer e no fazer – que evidentemente vai sendo alterado, uma vez que se instala no fluxo do tempo. Eis a responsabilidade dos inventores de sentidos e de *si*, que se furtam a endossar crenças e mentiras compartilhadas, abraçando a tarefa crucial de injetar no mundo novos sentidos e novas direções. Essa tarefa imprescindível de se tornarem autores de sua língua e de seus destinos. As máscaras abandonam, então, o reino do falso para se tornarem expressão veraz do “que é mais profundo”. A profundidade, por sua vez, sobe à superfície, rasurando essa outra velha dicotomia. Nesse movimento, a paródia terá papel fundamental. Eis o que se enunciava desde o final do primeiro parágrafo do prefácio a *Gaia ciência*:

Ah, não é apenas nos poetas e em seus belos ‘sentimentos líricos’ que este ressuscitado tem de extravasar sua malícia: quem sabe que tipo de vítima ele procura, que monstro de assunto paródico o excitará em breve? *Incipit tragædia* — está escrito no final desse livro de uma inquietante desenvoltura. Que se tome cuidado! Algo de essencialmente mau e sinistro se anuncia: *incipit parodia* (começa a paródia), não resta a menor dúvida...¹¹

Se o quarto livro de *Gaia ciência* termina com um aforismo significativamente intitulado *Incipit tragædia*, correspondendo ao início de *Zarathustra*, o quinto livro (acrescentado à segunda edição) tem como epígrafe, em francês, a inquietante advertência atribuída a Turenne, famoso marechal francês: “Carça, tu tremes? Tremerias ainda mais se soubesses aonde te levo”¹². Esse tom desafiante, nada conservador, face ao próprio

⁹ A esse respeito, conferir FERRAZ, Maria Cristina Franco. *Platão: as artimanhas do fingimento*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

¹⁰ Cf. NIETZSCHE, F. *Ecce homo* / KSA 6, p. 3 e p. 255.

¹¹ *Ibidem*, p. 10 e p. 346.

¹² *Ibidem*, p. 233 e p. 573.

corpo expressa a perspectiva nietzschiana acerca do “quinto ato da tragédia”, anunciada desde o final de *Gaia ciência* como *Incipit parodia*.

O aforismo 153 do terceiro livro (*Homo poeta*)¹³ torna ainda mais explícito o sentido da organização das duas últimas partes de *Gaia ciência*, sugerindo o papel de *Assim falou Zaratustra* no movimento geral do pensamento de Nietzsche. Nesse aforismo, o próprio *homo poeta* toma a palavra. Eis o que diz:

Eu mesmo, que compus de maneira altamente pessoal esta tragédia das tragédias, se é que ela está concluída; eu, que fui o primeiro a atar o nó da moral no seio da existência, e o fiz de tal forma cego que só um deus poderá desatá-lo [...], eis que eu mesmo acabei de assassinar todos os deuses no quarto ato — por moralidade! Como será então o quinto ato? De onde ainda tirar um desfecho trágico? Devo começar a pensar em um desfecho cômico?¹⁴

Para desatar o nó górdio da moral-metafísica que pesa sobre a terra e estar à altura da comédia da existência, é necessário traçar um fim instigante, inesperado, capaz tanto de rasgar o véu sombrio de todas as morais e religiões quanto de divertir os deuses. Nesse final paródico, a finitude humana passa a funcionar como um contraponto ao tédio mortal que assola os imortais. Desse modo, toda a experiência humana se vê alegremente justificada. Os deuses deixam de ser autores, passando à mera condição de eternos espectadores. No mesmo gesto, a finitude passa a ser afirmada como intensificação da vida, também expressa no convite à invenção da arte de saber terminar. E isso em todas as situações de vida.

Os deuses são espectadores ávidos, na exata medida do tédio mortal que têm de enfrentar. É o que Nietzsche sugere quando zomba da presunção do homem, que se julgou a finalidade última da existência do mundo. A tão arrogante pretensão, Nietzsche opõe sua visão do homem como grande comediante, como uma espécie de *clown* tragicômico cuja função seria alegrar um deus por demais enfasiado com a eternidade: “Se foi um deus que criou o mundo, ele criou o homem como *símio de deus*, como um motivo perpétuo de divertimento em suas tão longas eternidades”.¹⁵

¹³ *Ibidem*, p. 161-162 e p. 496.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ NIETZSCHE, F. KSA 2, op. cit., p. 548, minha tradução. Trata-se do aforismo 14 da segunda parte (intitulada *O viajante e sua sombra*) de *Humano, demasiado humano* II.

Como se pode verificar, não parece fácil ser imortal. O *pathos* mais pervasivo da modernidade aí se inocula: o tédio. No aforismo 48 de *Anticristo*¹⁶, Nietzsche explora ainda mais esse tema. Nesse texto, quando o deus judaico-cristão cria seu símio favorito, além de não se livrar do tédio, reduplica-o em sua criatura. Vejamos como Nietzsche reescreve a história que se encontra no começo da Bíblia:

O antigo Deus, todo “espírito”, todo grande sacerdote, todo perfeição, vagueia por seu jardim; no entanto, ele se entedia. Contra o tédio, até mesmo os deuses lutam em vão. O que faz então? Inventa o homem: o homem é divertido... Mas eis que o homem também se entedia. A misericórdia divina em relação à única miséria que todos os paraísos comportam é ilimitada: ele criou ainda, imediatamente, outros animais. Primeiro equívoco de Deus: o homem não achou os animais divertidos — ele reinou sobre eles, não quis nem mesmo ser um “animal” dentre outros. Consequentemente, Deus criou a mulher. E, de fato, o tédio chegou desse modo ao fim [...].¹⁷

Contra o tédio, eis os remédios: a diferença sexuada, o riso, o teatro. A visão teatral da existência, a incitação a enxergar a comédia da existência a partir de uma perspectiva em que ator e espectador se fundem estão presentes no aforismo 509 de *Aurora*, intitulado “O terceiro olho”:

O quê! Você ainda precisa de teatro? Ainda é assim tão jovem? Use a inteligência e procure a tragédia e a comédia lá onde elas são mais bem representadas! Onde tudo se passa de maneira mais interessante e mais interessada! É bem verdade que não é muito fácil permanecer nela como mero espectador; mas aprenda a fazê-lo! Aí então, em quase todas as situações difíceis e penosas, você conservará uma pequena porta para a alegria e um refúgio, mesmo quando suas próprias paixões desabarem sobre você. Abra o seu olho de teatro, o grande terceiro olho que considera o mundo através dos outros dois!¹⁸

No texto autobiográfico, ao adotar desde o título a máscara do Cristo coroado de espinhos, pronto para o sacrifício final, Nietzsche oferece aos imortais e a todos nós uma cena insólita. Eleva à máxima potência do falso, pela paródia – que perfaz, simultaneamente, uma comemoração e uma corrosão interna daquilo que é lembrado –, a ultrapassagem das morais e das religiões que entristeceram esta terra e a superação do ressentimento com relação ao tempo e à finitude, de que ambas (morais e religiões) são sintomas. Coloca em marcha, então, um processo irreversível, parodístico, tornando-se ele mesmo o campo de batalha em que se enfrentam duas forças sagradas: Dioniso versus o Crucificado – uma de suas assinaturas finais. Não para resolver a tensão em uma

¹⁶ NIETZSCHE, F. *O Anticristo e Ditirambos de Dionísio*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 56-58 e *Ibidem*, Op. cit., KSA 6, p. 226-227.

¹⁷ *Ibidem*, p. 56-57 e p. 226.

¹⁸ NIETZSCHE, F. Op. cit., KSA 3, p. 297, minha tradução.

síntese apaziguadora, em uma suposta reconciliação. Mas mantendo a tensão explosiva no máximo de sua violência.

Com o cuidado de nos esquivarmos da indiscrição de pretender dar sentido ao que a ele se furta, lembremos uma curiosa observação do amigo do filósofo, Heinrich Köselitz/Peter Gast, pouco tempo após o colapso de Nietzsche em Turim. Eis o que Köselitz escreve a Overbeck, segundo o biógrafo Curt Paul Janz: “Vi Nietzsche em estados em que — é horrível! — ele me dava a impressão de estar simulando a loucura, como se estivesse contente que tudo terminasse assim!”¹⁹ Esse comentário de Peter Gast sugere a inquietante ambiguidade da demência do filósofo dionisíaco, que, aos olhos do amigo, talvez encarnasse naquele momento, de uma forma radical, o quinto ato da tragédia, embaralhando em definitivo a partilha tranquilizadora entre ficção e não ficção.

Voltemos ainda uma vez à arte de saber achar o fim. Há outros textos de Nietzsche que dizem respeito ao tema, cada um deles dando voz a uma perspectiva diversa e composto em um andamento diferente. No aforismo 208 de *Humano, demasiado humano* I²⁰, por exemplo, Nietzsche parte da relação autor-livro, utilizada como paradigma de toda ação humana capaz de engendrar outras ações, decisões e pensamentos – tudo o que acontece encadeando-se necessariamente a tudo o que irá se suceder –, para chegar à ideia da imortalidade real, ligada a um movimento que supõe e afirma a finitude. Trata-se, no máximo, de uma “pequena imortalidade”, que concerne à potência de contágio, de proliferação e de variação inerente a um ato ou criação. Segundo Nietzsche, o quinhão mais feliz terá sido alcançado pelo autor que, em sua velhice, puder afirmar não ser ele mesmo nada além de cinzas, uma vez que o fogo que nele havia perdura e se encontra a salvo na obra, intensificado, levado mais longe, para outras paragens. O aforismo seguinte (209) intitula-se *Alegria na velhice*:

O pensador, bem como o artista, que colocou seu melhor si-mesmo (*Selbst*) nas obras, experimenta uma alegria quase maligna ao ver seu corpo e seu espírito serem paulatinamente alquebrados e destruídos pelo tempo, como se, escondido em um canto, observasse um ladrão forçando seu cofre, sabendo que ele está vazio e que todos os tesouros estão a salvo.²¹

¹⁹ JANZ, Curt Paul. *Nietzsche – biographie*, Volume III. Paris: Gallimard, 1985, p. 496, minha tradução.

²⁰ NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 129 e *Ibidem*, Op. cit., KSA 2, p. 171.

²¹ *Ibidem*, p. 130 e p. 172.

Nessa perspectiva, não se trata de conservar a vida, mas de arriscá-la em aventuras instigantes, inéditas, exercendo uma crueldade alegre perante o tempo e a velhice. Mas também nesta fala é preciso saber encontrar o fim. Gostaria, nesse sentido, de lembrar outro texto que concerne ao fim. Trata-se do aforismo 96 de *Além do bem e do mal*: “Devemos nos despedir da vida como Ulisses de Nausícaa – mais a bendizendo do que por ela apaixonados.”²²

Nietzsche alude ao episódio da Odisseia em que Ulisses se despede da jovem e bela Nausícaa, filha de Alcínoo, rei dos feácios que o salvara após um naufrágio. Não estar apaixonado é condição para não querer conservar a todo custo, não desejar congelar o tempo. Escorrer como as montanhas de Porto fino em direção ao mar, musicalmente, entoando um hino à finitude, à vida nesta terra, que é assim abençoada. Reapropria-se aqui o sentido da bênção, arrancada ao monopólio das perspectivas religiosas. Terminar abençoando é dizer no fim, audaciosamente, *Da capo*. É pedir bis, bendizendo a finitude, que pode ser abençoada e atravessada pela “pequena imortalidade” dos que criam e retornam em outros gestos e palavras.

Para terminar, gostaria de deixar pairando um aforismo mais enigmático, como que fechado sobre si mesmo, labiríntico, abismado em si. Esse texto nos convida a dispensar explicações, a adotar uma curiosa virtude transvalorada por Nietzsche – o pudor (*Scham*). Pois o impulso explicativo tenderia a dissolver exatamente o caráter peculiar com que Nietzsche festejou a comédia da existência. O texto gira em torno do abismo, em alemão, *Abgrund* – solo retraído, retirado, ausência de fundo, de fundamentação, caro ao regime do ficcional como mais alta potência do falso. Nesse sentido, pode ser aproximado do que sugeriu Guimarães Rosa em uma frase em espelho que também junta as pontas deste artigo, ao articular o abismo às montanhas: “os abismos são cimos ao revés.”²³

O comentário que se furta talvez tenha sido preparado a partir de tudo o que foi escrito até aqui, e que talvez reflua, como o relevo montanhoso de Porto fino, para um mar de sentidos delicadamente vislumbrados. A própria forma circular do aforismo paradoxalmente o fecha e o abre à nossa apreensão. Ainda aqui, o enigma faz ser aquilo que diz. Lembremos que a palavra *enigma* deita raízes na noção de fábula, no ato de

²² NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 72 e *Ibidem*, Op. cit., KSA 5, p. 96, minha tradução.

²³ ROSA, Guimarães. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969.

fabular. Para acabar, então, como uma tentativa de fazer jus ao tema da arte de achar um fim, evoco o aforismo 146 de *Além do bem e do mal*: “se mergulhas por muito tempo teu olhar em um abismo, o abismo acaba também olhando dentro de ti”²⁴.

Recebido em 27/01/2019

Aprovado em 11/11/2019

²⁴ Cf. NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal* / KSA 5, p. 79 e p. 98, minha tradução.